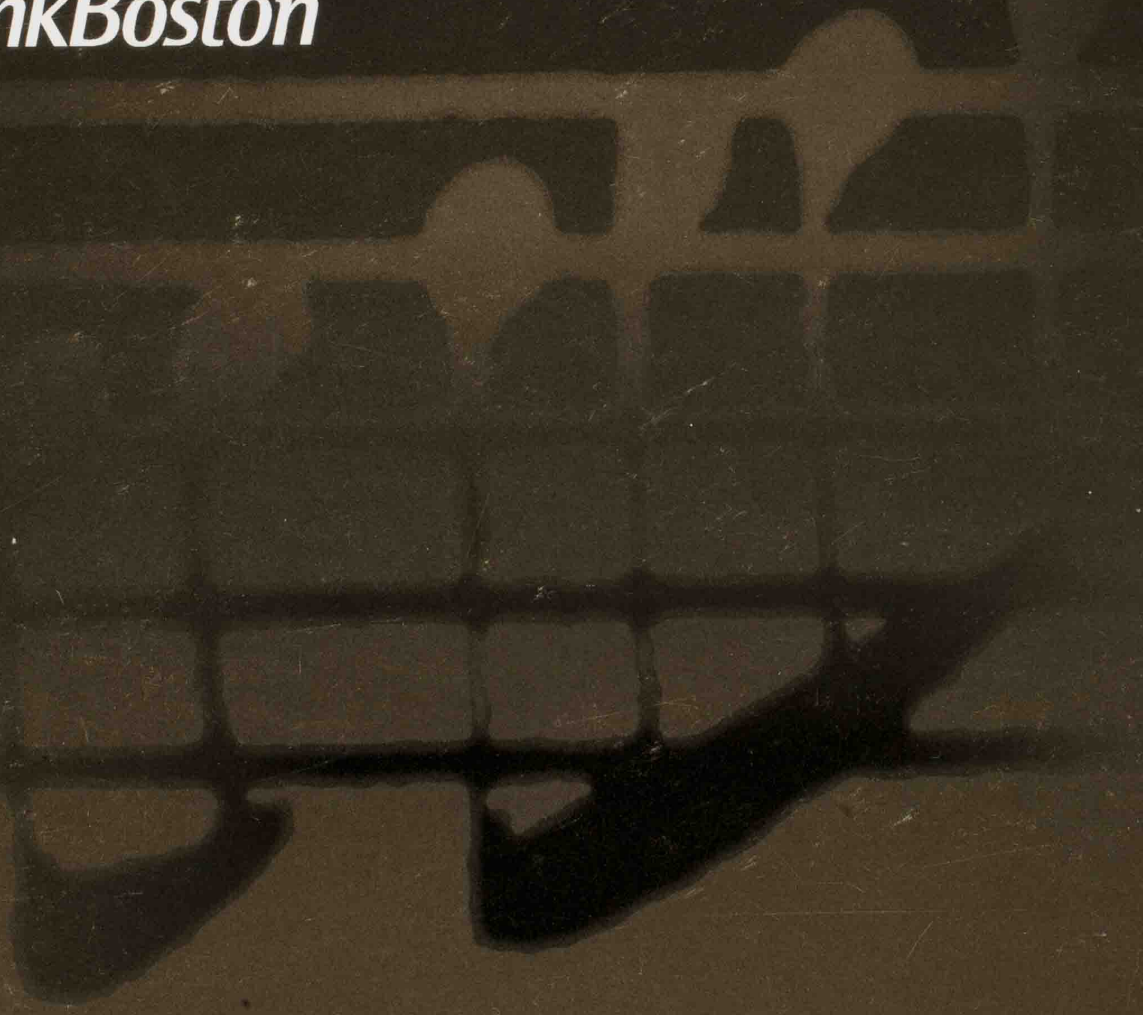
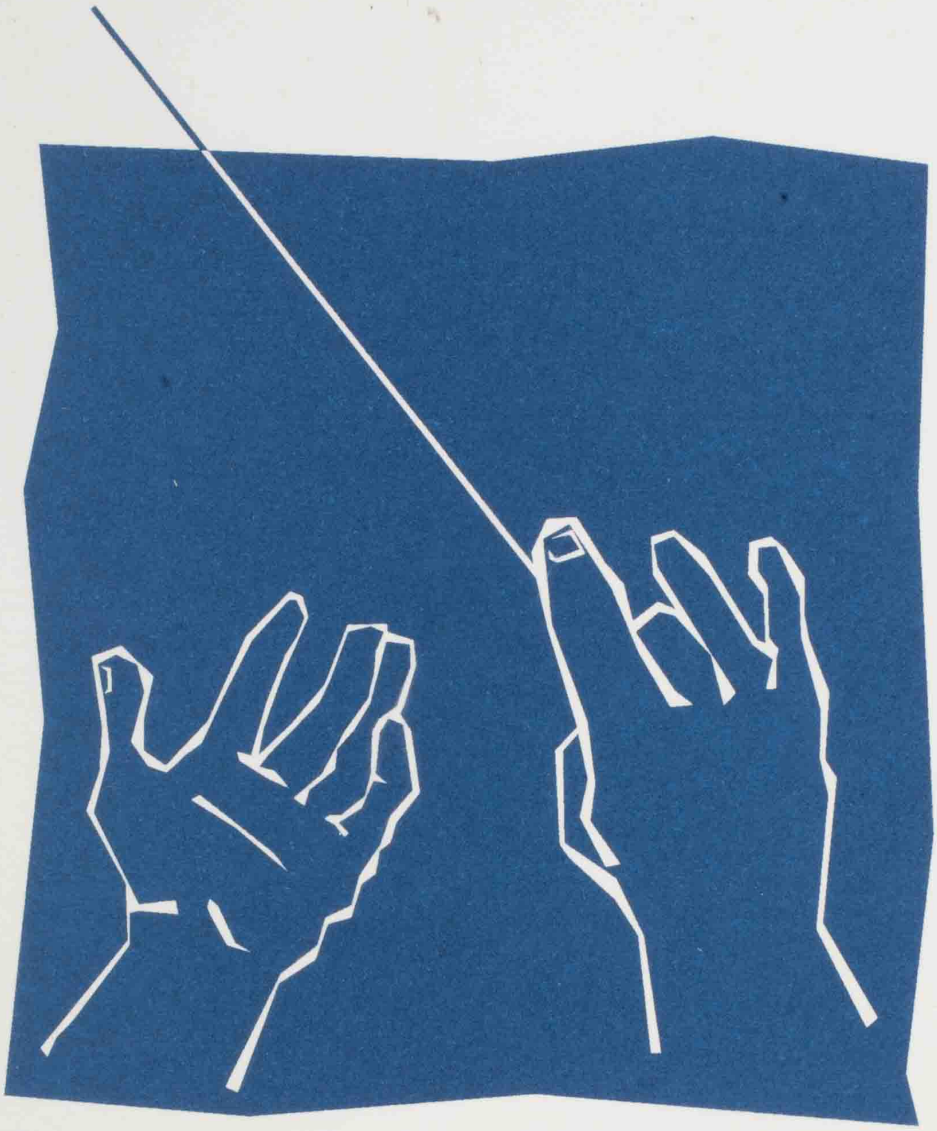
Boston Symphony Chamber Players

BankBoston



THEATRO MVNICIPAL DE SÃO PAULO

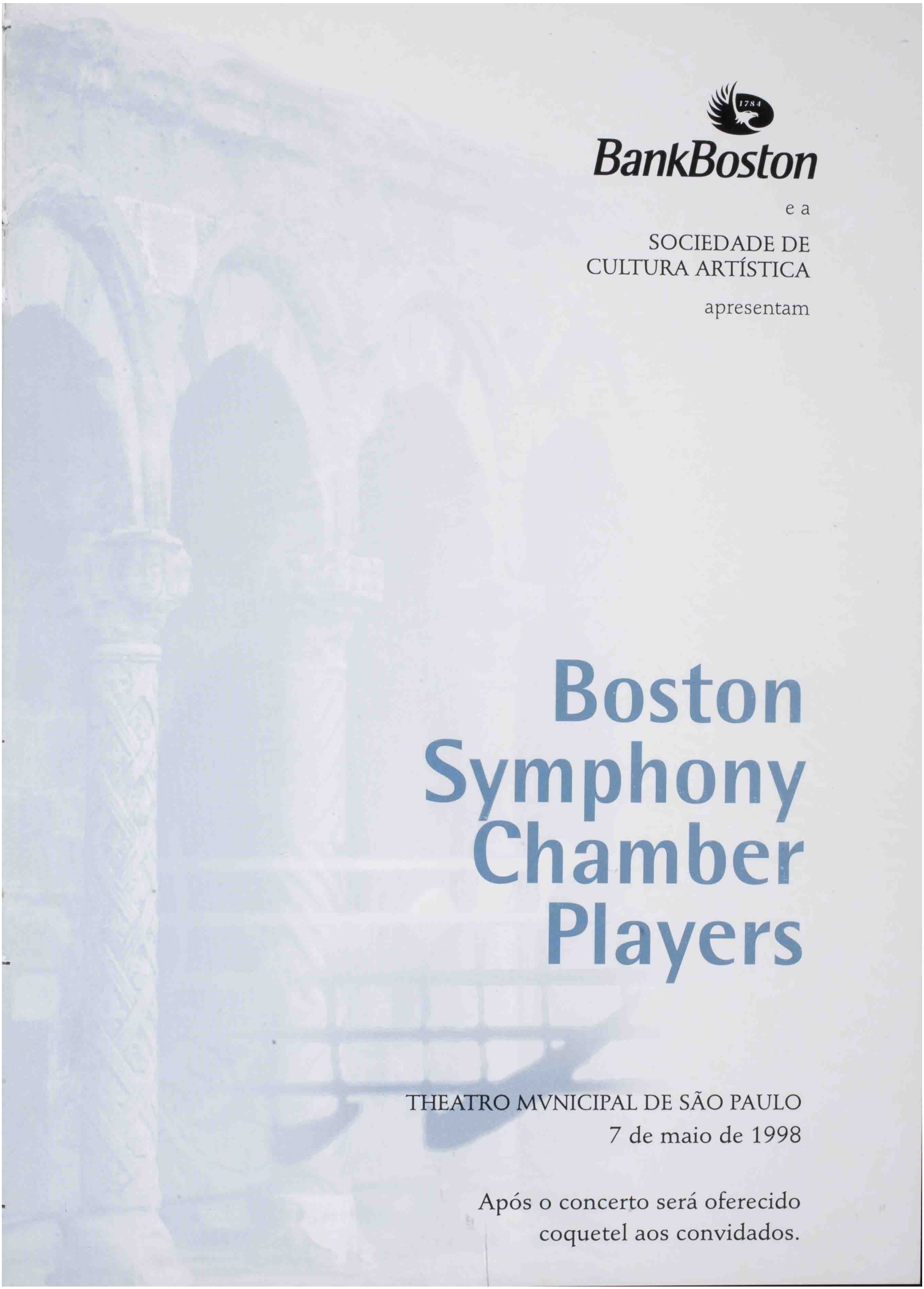


BankBoston. Arte em grandes negócios.

BankBoston

Informações: 0800-55-1784

www.bankboston.com.br



BankBoston

e a

SOCIEDADE DE
CULTURA ARTÍSTICA

apresentam

Boston Symphony Chamber Players

THEATRO MVNICIPAL DE SÃO PAULO
7 de maio de 1998

Após o concerto será oferecido
coquetel aos convidados.

Boston Symphony Chamber Players

A respeito de uma de suas apresentações, o *Los Angeles Times* escreveu: "De vez em quando, um concerto reitera os padrões que os músicos devem aspirar a alcançar e sublinha o potencial de emocionar que uma *performance* de qualidade é capaz de conter. *Boston Symphony Chamber Players* realiza esse despertar". E sobre seus concertos em Boston, o jornal *The Boston Globe* tem afirmado: "A mais refinada música de câmara possível"... "Charme com eloqüência!"... "Um pedaço do céu sobre a terra". *Boston Symphony Chamber Players*: a nata dos músicos de uma das melhores orquestras do planeta reunida para fazer música de câmara de qualidade suprema.

Único conjunto permanente de música de câmara patrocinado por uma grande orquestra sinfônica, *Boston Symphony Chamber Players*, em sua formação original e plena, é integrado pelas primeiras cordas e pelos músicos principais das estantes das madeiras, dos metais e da percussão da Orquestra Sinfônica de Boston. Os *Chamber Players* abordam praticamente qualquer peça da literatura camerística e podem ampliar seu repertório mobilizando membros da Sinfônica de Boston, ou convidando solistas de renome, como o pianista Gilbert Kalish, que toca regularmente com o grupo, para empreenderem juntos sua visita às melhores páginas escritas para *ensembles* de câmara de diversos formatos. Fiéis ao espírito de versatilidade e originalidade que os anima, *Boston Symphony Chamber Players*, em seus concertos na Temporada Cultura Artística 1998, apresenta-se em formação de dois violinos, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa e piano.

As atividades dos *Chamber Players* compreendem séries anuais de concertos no *Boston's Jordan Hall*, participações no Festival de Tanglewood, turnês norte-americanas e internacionais e gravações em estúdio. Além de seus concertos regulares por todos os Estados Unidos, o grupo já realizou, nos últimos anos, seis temporadas na Europa e três temporadas no Japão, e apresentou-se também na América do Sul e na Rússia.

Da discografia do conjunto, registrada sobretudo para o selo *Nonesuch*, destacam-se os seguintes álbuns: *Words from Paterson*, de John Harbison, com o barítono Sanford Sylvan; Septeto de Beethoven e Octeto de Schubert; Trio para Piano em Sol maior, de Smetana, e Sexteto de Cordas, de Dvorák; Quintetos de Cordas de Brahms; e Obras de Aaron Copland e Leon Kirchner. Recentemente, a *Philips* lançou a gravação que *Boston Symphony Chamber Players* e o clarinetista Harold Wright realizaram dos Quintetos para Clarinete e Cordas de Mozart e de Brahms, e o selo *Arabesque* lançou seu álbum com o Quarteto para Clarinete, Violino, Violoncelo e Piano, de Hindemith, e o Quinteto com Piano, em Sol maior, de Shostakovich.

Malcolm Lowe, violinista e líder do conjunto, foi designado *Spalla* da Orquestra Sinfônica de Boston em 1984, depois de ocupar essa mesma posição na Orquestra Sinfônica de Québèc, de 1977 a 1983. Um dos vencedores da edição de 1979 do Concurso Internacional de Violino de Montreal, apresentou-se várias vezes como solista com a Sinfônica de Boston e com outras grandes orquestras norte-americanas e canadenses. Paralelamente a suas atividades como *Spalla* da Sinfônica de Boston, Malcolm Lowe desenvolve também carreira como camerista e integra o corpo docente do Conservatório da Nova Inglaterra e do *Tanglewood Music Center*.

Natural do estado de Oregon, a violinista **Marylou Speaker Churchil** integra as cordas da Sinfônica de Boston desde 1970, é *Spalla* dos Segundos Violinos desde 1977 e participa regularmente das apresentações de *Boston Symphony Chamber Players* nos Estados Unidos e nas turnês internacionais do conjunto. Solista, recitalista e camerista de destaque, desenvolve também atividades pedagógicas tanto nos Estados Unidos – onde faz parte do corpo docente do Programa de Verão *Musicord* e da Escola Preparatória do Conservatório da Nova Inglaterra –, como em diversos outros países.

Primeira Viola da Sinfônica de Boston desde 1996, **Steven Ansell**, natural de Seattle, estudou com Michael Tree e Karen Tuttle no *Curtis Institute of Music*. Como violista e co-fundador do *Muir String Quartet*, de Boston, realizou mais de 40 turnês na Europa e tocou na maioria das capitais do mundo e nas principais cidades dos Estados Unidos.

Natural da Filadélfia, **Jules Eskin** é o violoncelista de *Boston Symphony Chamber Players*. Vencedor do Prêmio Naumberg, Jules Eskin foi Primeiro Violoncelo da Orquestra de Cleveland, antes de assumir essa mesma posição, em 1964, na Sinfônica de Boston. Com essa Orquestra apresenta-se também como solista e gravou composições para violoncelo de Gabriel Fauré, para o selo *Deutsche Grammophon*.

Edwin Barker é Primeiro Contrabaixo da Sinfônica de Boston desde 1977, posição que passou a ocupar logo após formar-se pelo Conservatório da Nova Inglaterra. Solista e camerista consagrado, tocou na América do Norte, na Europa e no Oriente. Como solista, já se apresentou com a Sinfônica de Boston, com a Orquestra *Boston Pops* e com a *Pro Arte Chamber Orchestra*. Edwin Barker integra o corpo docente do *Tanglewood Music Center* e da Universidade de Boston.

Jacques Zoon, o flautista dos *Chamber Players*, foi designado Primeira Flauta da Sinfônica de Boston em 1997. Nascido na Holanda, foi Primeira Flauta da Orquestra Filarmônica de Haia por quatro

anos, e ocupou essa mesma posição na Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, entre 1988 e 1994. Como Primeira Flauta, Jacques Zoon já atuou também na Filarmônica de Berlim e na Sinfônica de Londres e vem colaborando com a Orquestra de Câmara da Europa desde 1989.

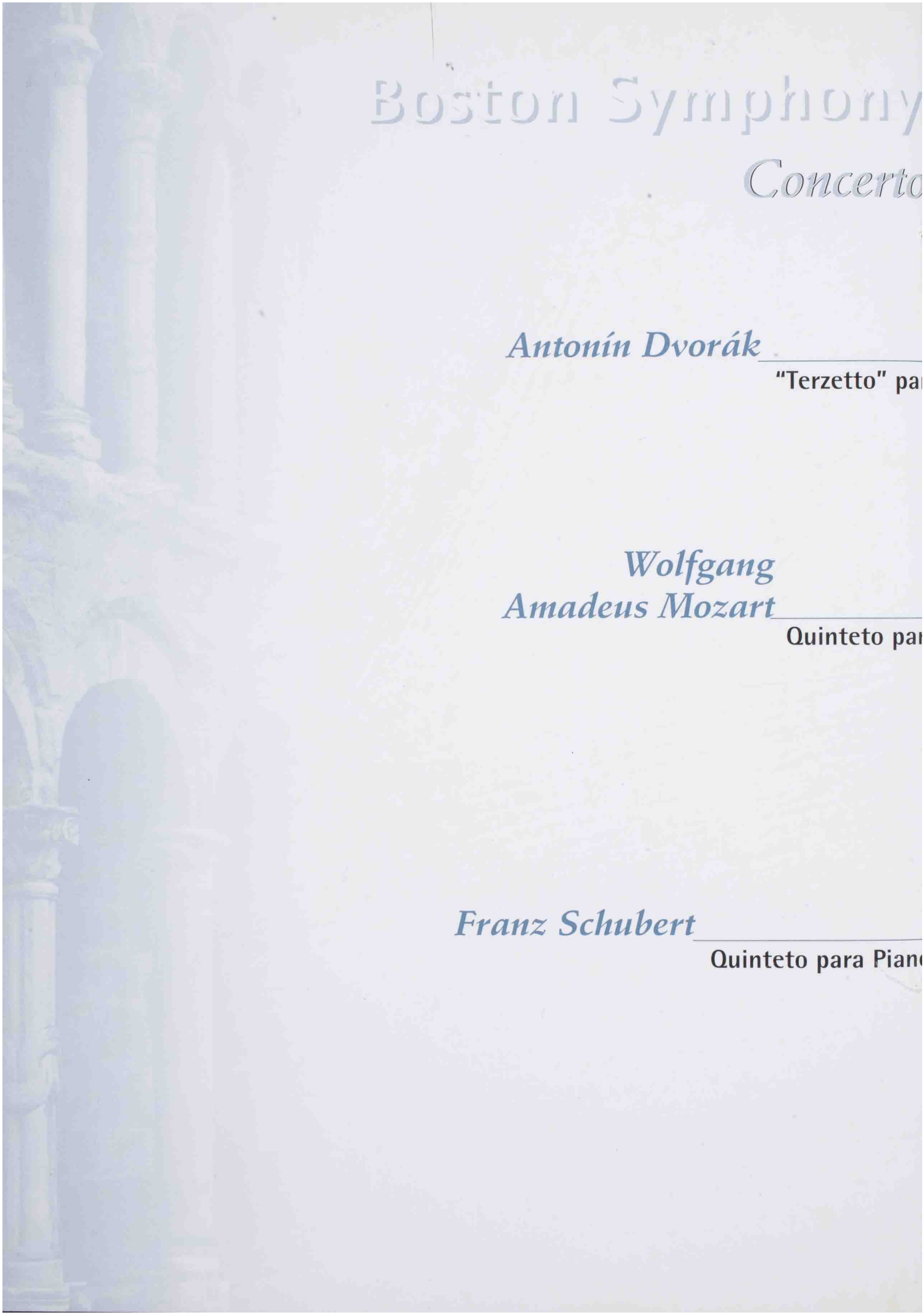
Integrante da Orquestra Sinfônica de Boston desde 1960, o oboísta **Keisuke Wakao** nasceu em Tóquio, formou-se pela *Manhattan School of Music* e aperfeiçoou-se no *Tanglewood Music Center*. Keisuke Wakao integra também o corpo docente do Conservatório da Nova Inglaterra.

O clarinetista **William R. Hudgins** ingressou na Sinfônica de Boston em 1992 e foi designado seu Primeiro Clarinete em 1994. Ex-Primeiro Clarinete da Orquestra Sinfônica de Charleston, foi bolsista do *Tanglewood Music Center*, em 1979, e participou dos festivais de Spoleto e Aspen. William Hudgins apresentou-se pela primeira vez como solista da Sinfônica de Boston em outubro de 1995, e em fevereiro de 1997 foi o Clarinete Solista da turnê dessa Orquestra na Flórida e nas Ilhas Canárias.

Richard Svoboda é Primeiro Fagote da Orquestra Sinfônica de Boston desde 1989. Antes disso, foi por dez anos Primeiro Fagote da Sinfônica de Jacksonville, na Flórida. Nascido em Nebraska, é professor do Conservatório da Nova Inglaterra, da Universidade de Boston e do *Tanglewood Music Center*. Como solista da Sinfônica de Boston, tocou o Concerto para Fagote, de Weber, em outubro de 1995.

Mais novo membro de *Boston Symphony Chamber Players*, **James Sommerville** assumiu o posto de Primeira Trompa da Sinfônica de Boston em janeiro de 1998, depois de ter tocado com a Sinfônica de Toronto, sua cidade natal, e de ter ocupado as posições de Segunda Trompa da Sinfônica de Montreal e de Trompa Solista da *Canadian Opera Company Orchestra*. James Sommerville tem-se apresentado regularmente como solista no Canadá e na Europa e gravou, recentemente, os Concertos para Trompa, de Mozart, para o selo *CBC*.

Gilbert Kalish, Pianista Convidado dos *Chamber Players* desde 1970, apresenta-se regularmente em recitais solo e de câmara no Festival de Tanglewood, além de ser solista convidado de conjuntos como os Quartetos Juilliard, Guarneri e de Tóquio, e da Sociedade de Música de Câmara do *Lincoln Center* de Nova Iorque. Autor de discografia que supera a marca de 80 gravações, Kalish é Professor de Piano da Universidade Estadual de Nova Iorque. Em abril de 1995, foi indicado para o Prêmio Paul Fromm, por sua destacada contribuição para a música de nosso tempo.


Boston Symphony
Concerto
Antonín Dvorák
"Terzetto" pa
Wolfgang
Amadeus Mozart
Quinteto pa
Franz Schubert
Quinteto para Pian

Chamber Players

BankBoston

a dois Violinos e Viola em Dó maior, opus 74

Introduzione e Allegro

Scherzo

Tema con variazione

a Piano e Sopros em Mi bemol maior, K.452

Largo – Allegro moderato

Larghetto

Rondo (Allegretto)

Intervalo

o e Cordas em Lá maior, "A Truta", opus 114, D.667

Allegro vivace

Andante

Scherzo

Andantino

Allegro giusto

Boston Symphony Chamber Players

Violinos
Malcolm Lowe
Marylou Speaker Churchill

Viola
Steven Ansell

Violoncelo
Jules Eskin

Contrabaixo
Edwin Barker

Flauta
Jacques Zoon

Oboé
Keisuke Wakao

Clarinete
William R. Hudgins

Fagote
Richard Svoboda

Trompa
James Sommerville

Pianista Convidado
Gilbert Kalish

Antonín Dvorák – (1841-1904)

"Terzetto" para dois violinos
e viola em dó maior, opus 74

Depois que Bedrich Smetana inaugurou o nacionalismo musical na Boêmia, atual República Tcheca, caberia a Antonín Dvorák abrir novos e brilhantes caminhos dentro dessa tendência estética que, durante o século XIX, teve um teor revolucionário. Vale à pena lembrar que a Boêmia, cuja capital era Praga, avizinhava-se da Morávia e da Eslováquia, toda elas regiões pertencentes ao Império Austro-húngaro dos poderosos Habsburgo.

Dvorák nasceu no vilarejo de Nelahozeves, filho de uma família de prole numerosa e de situação econômica modesta. Teve suas primeiras lições de música com o pai e, aos 14 anos, foi mandado a Zlovia para aprender alemão, língua oficial do Império. Seu mestre, Anton Liehmann, ensinou-lhe também viola, piano e órgão, além de elementos de harmonia. A partir de 1857, Dvorák foi estudar na famosa escola de órgão de Praga onde, além de matérias teóricas, entrou em contato com a tradição clássico-romântica. Naquele momento, escreveu obras tomando como modelos

Mozart, Schubert, Schumann e Beethoven. Depois de formado, trabalhou na orquestra do Teatro Nacional Tcheco e, a partir de 1873, aos 32 anos, começou a escrever partituras do caráter nacionalista, sob a instigação exemplar de Smetana.

Casando-se com Anna Cermákora nessa mesma época, teve com ela nove filhos. E, afastando-se das influências modernistas de Liszt e Wagner, voltou-se para os grandes clássicos. Suas obras, a partir de então passaram a revelar o gosto pela simetria e a exibir elegância de formas, nobreza e simplicidade da linha melódica, além de ritmos marcados e uma atenção especial com o colorido instrumental. Ainda na década de 1870, conheceu e ganhou a amizade do grande Johannes Brahms o qual, generosamente, abriu-lhe portas fundamentais para que a carreira do jovem tcheco ganhasse dimensão verdadeiramente internacional.

Durante a década de 1880, Dvorak passou a viajar bastante – Áustria, Alemanha, Rússia e sobretudo Inglaterra –, cada vez mais solicitado a mostrar suas obras. Em 1892, assumiu a direção do Conservatório de Música de Nova York, ganhando uma verdadeira fortuna para a época – 15 mil dólares anuais, ou seja, trinta vezes mais do que recebia em Praga. Passados dois anos, retornou à sua terra, sendo nomeado diretor do Conservatório de Praga. Veio a falecer no dia 1° de maio de 1904.

A produção de câmara de Dvorák é numerosa e variada. Ela costuma expressar tanto a alegre jovialidade de uma alma simples e ligada ao povo, quanto a grandeza trágica e a dramaticidade autêntica, sentimentos que apenas os grandes talentos conseguem representar. O "Terzetto" para dois Violinos e Viola em Dó maior, opus 74 foi escrito durante a segunda semana de janeiro de 1887, alguns meses depois da segunda série das festejadas Danças Eslavas, opus 72. De início, o compositor pensou em compor esse trio para executantes amadores. Entretanto, a exuberância da sua escritura levou-o a engendrar uma obra que demanda verdadeiros virtuoses para a sua realização. O primeiro movimento – *Introduzione e Allegro* – contém diálogos instrumentais que exploram a riqueza de timbres das cordas postas em jogo. O *Scherzo* seguinte, animado e de espírito juvenil, lembra por seu tom um dos músicos prediletos de Dvorák – Schubert. O *Thema con variazoni* é

particularmente brilhante, no qual o tema de tom declamatório e arcaizante é seguido de dez variações de caráter bem contrastante, abrindo assim espaço tanto para passagens idílicas e meditativas quanto para momentos de eletrizante animação e de exibição virtuosística.

Wolfgang A. Mozart - (1756-1791)

Quinteto para Piano, Oboé, Clarineta, Trompa e Fagote em Mi bemol maior, K.452

Mozart foi o mais extraordinário caso de precocidade musical de que se tem notícia. Ele ainda era um menino quando seu pai, um respeitado professor de violino, exibiu-o como um fenômeno por boa parte da Europa. Entre tantas outras coisas, o garoto revelava-se ótimo pianista e violinista, era capaz de improvisar variações sobre temas fornecidos pela platéia, dava continuidade lógica a qualquer fragmento a ele apresentado e, além de tudo, compunha música original. Durante a adolescência, teve que lutar para se impor como artista que, deixando de ser criança-prodígio, ainda tinha muito o que dizer, a mostrar. Vivendo em um tempo no qual o músico era visto no máximo como artesão, senão como mero lacaio especializado, Mozart jamais se conformou em ser subalterno. Quando finalmente conseguiu se libertar do seu patrão de Salzburgo, o famigerado e ditatorial arcebispo Colloredo, tentou a carreira de músico livre, em Viena. Alcançou vários sucessos não apenas como o autor de obras sinfônicas, camerísticas e operísticas, como também enquanto virtuose, sobretudo do seu adorado fortepiano. Entretanto, na medida em que nem suas apresentações públicas nem a edição de suas partituras davam a ele uma situação econômica estável – além do que ele e a mulher lidavam muito mal com o lado financeiro da vida –, Mozart chegou a passar por sérias dificuldades no tocante à manutenção de sua prole. Isso fica bastante claro pelo fato de ele ter sido enterrado como indigente, em lugar para sempre desconhecido.

No caso de Mozart, nem sempre é possível estabelecer uma ligação direta entre biografia e obra, entre o estado de espírito do compositor e a expressão predominante na música por ele escrita. Entretanto, pode-se afirmar com segurança que o Quinteto para Piano e Sopros, completado em 30 de março de 1784, pertence a uma das fases mais felizes da

vida do autor. Em 1781, ele conseguira romper definitivamente com o abominado Colloredo. Em 1782, Mozart já estava instalado em Viena, vivendo como artista livre – dando aulas particulares, participando de "academias" e exibindo-se em concertos com novas obras de sua lavra. Nesse mesmo ano, produzira a sua ópera alemã o Rapto do Serralho e casara-se com Costanza Weber. Na temporada de 1783-84, o público vienense momentaneamente o acaricia com a fartura do aplauso. Mais vital do que nunca, Mozart compõe os três primeiros dos seis Quartetos de Cordas dedicados a Haydn, a Missa Solene nº 16 em Dó maior, A Sinfonia nº 36 – "Linz" e os Concertos para Piano de números 14, 15 e 16. Logo depois do Quinteto, colocará no papel o luminoso Concerto para Piano nº 17 em Sol maior e a requintada Sonata para Piano e Violino (nº40) em Si bemol maior.

Escrevendo ao pai, Mozart diria do Quinteto para Piano e Sopros: "Eu próprio considero que é o que fiz de melhor na vida". Ele não deixava de ter razão, pois concebera uma das mais extraordinárias obras-primas camerísticas de toda a História da Música. Entre as qualidades mais evidentes dessa partitura estão: o sábio uso dos timbres instrumentais, colocando piano e sopros ora em contraposição, ora em sutis associações; e a utilização de procedimentos vindos tanto da música de câmara quanto da de concerto, em um âmbito camerístico miraculosamente equilibrado. Mais do que tudo, o Quinteto chega a soluções tão extremas que, por assim dizer, ficou sem posteridade. Até mesmo Beethoven, ao tentar proeza semelhante, não conseguiu ultrapassar o modelo em sua riqueza de invenção.

O Quinteto em mi bemol é aberto por uma introdução lenta (*Largo*) repleta de motivos magistralmente encadeados; a mesma abundância melódica alimenta o expansivo *Allegro Moderato*. O *Larghetto* em si bemol também obedece, de maneira muito peculiar, ao esquema da forma-sonata, com o material temático recebendo inesperadas colorações harmônicas. O movimento final, *Rondo* (*Allegretto*), conta com um refrão adorável e com episódios contrastantes cheios de imaginação. A obra parece simbolizar o sentimento da própria alegria. Assim, não é de estranhar que o público a tenha aplaudido tanto à sua primeira audição, ocorrida

dois dias depois de Mozart ter colocado um ponto final à partitura.

Franz Schubert - (1797-1828)

Quinteto para piano e cordas em lá maior, opus 111, D.667 - "A Truta"

Dono de biografia curta, triste e sem lances romanescos, Schubert legaria à posteridade uma obra musical espantosamente extensa, variada em expressões e riquíssima enquanto invenção original. Como outros gênios, revelou enorme precocidade musical, dom que pôde se expandir no Stadtkonvikt de Viena, instituição que o formou. Sob a ordem paterna, tentou ser mestre-escola, mas fracassou. Aliás, tendo pouco senso prático, sobreviveu mais graças à generosidade de amigos que aos seus próprios dotes. Não sendo virtuose em nenhum instrumento, só ganhou alguma coisa com aulas e com as raras edições de suas obras.

Há muito de patético na vida desse artista que, no trato social, segundo seus amigos, oscilava entre a grosseria e a delicadeza, a euforia e a melancolia. Mesmo fazendo música sem cessar, só a mostrava praticamente ao seu pequeno círculo de fiéis. Assim, vivendo na capital musical da Europa, na Viena na qual Beethoven se impusera, Schubert passou sua existência ignorado pelo público e pela crítica, sem apoio de mecenas ou de instituições oficiais. A sífilis, contraída cedo, abreviou-lhe a vida. Sua efetiva genialidade somente seria reconhecida pela posteridade. E, no fundo, apenas este século que agora finda conseguiu colocar Schubert no panteão dos grandes.

Certos elementos da linguagem musical de Schubert apontam para um caso raro na história da música. Antes de tudo, seu estilo personalíssimo exibe uma notável generosidade melódica, sempre renovada em seus arabescos, que encarna um gênero de lirismo realmente único, "romântico". Depois, nela existe essa ciência de uma harmonia cambiante, que oscila entre os tons maior e menor, lançando jogos de luz e de sombra sobre o discurso. E mais: reconhecem-se aí as formas clássicas que, estiradas ao máximo, quase explodem sob o peso de um jorro criativo apenas comparável ao de Mozart. Sim, Schubert jamais deixou de ser um clássico. Só que as formas tradicionais, em suas mãos, são subvertidas pela riqueza da invenção melódica e pelo tratamento repleto de surpresas do tecido harmônico.

Schubert dedicou-se à música de câmara desde muito jovem, escrevendo peças para serem tocadas em sua própria casa. Jamais abandonou esse gênero, que enriqueceu através de dezenas de obras-primas. O Quinteto "A Truta" é de 1819 e parece ter sido escrito a pedido de Sylvester Paumgartner, um rico aficionado do interior da Áustria que tocava bem violoncelo. A partitura só seria apresentada ao público depois da morte do autor. Hoje, é uma de suas criações mais difundidas. Uma curiosidade: sua formação instrumental é incomum, na medida em que requer piano, violino, viola, violoncelo e um inesperado contrabaixo. Outra curiosidade: por ter cinco movimentos, em vez dos quatro habituais, pode por isso lembrar um divertimento.

Um arpejo ascendente do piano e um motivo murmurado pelas cordas abrem o vívido *Allegro vivace* inicial, que se expande a partir desses elementos. Pouco depois, o violoncelo se encarrega de apresentar a esperada idéia contrastante exigida pela forma-sonata. Mas o discurso é tão fluido e espontâneo que ele passa a impressão de ter sido livremente improvisado. O *Andante* que vem em seguida, em fá maior, passeia por várias tonalidades e se articula em duas partes simétricas, cada uma delas contando com três episódios distintos. Nele predomina o tema exibido em seus primeiros compassos, em conjunto por piano e violino. O *Scherzo* marcado *Presto* é de fato veloz, cheio de verve rítmica. Seu trio contrastante está em ré maior. E é nessa mesma tonalidade que se abre o *Andantino* seguinte, cujo tema provém da canção *Die Forelle* (A Truta), datada de 1816. Essa cativante melodia é submetida a cinco variações que exploram os vários campos de tessitura do grupo instrumental. Depois de engenhosas modulações, o tema é representado em um *Allegretto* que evoca a canção ainda de mais perto. O *Finale: Allegro giusto* tem dois temas principais: um bem rítmico, introduzido em sucessão por arcos e piano, outro bastante desenvolto no seu triunfante tom de ré maior, que dá oportunidades para que o piano brilhe virtuosisticamente. A segunda parte desse movimento bem alegre repete quase literalmente a primeira seção, só que em tessitura mais alta, em pauta jubilosa.

Coordenação: Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico: Paulo Humberto L. Almeida e Carlo Zuffellato
Editoração Eletrônica: BVDA / Brasil Verde
Traduções: Eduardo Brandão
Fotos: Roger Farrington e Michael Lutch
Fotolitos e Impressão: GraphBox / Caran

DEPARTAMENTO DE TEATROS

Diretor
José Carlos Benedito

Assistentes
Marcos Roberto, Débora Resende Sindona, Dr. Fábio Dutra Perez, Maraíza Caldeira Nascimento, Rosenvalter Gerônimo da Silva, Sonia de Lourdes Cavalheiro, Suzel M. P. Godinho, Tereza Cresto Mendes, Sara G. Nasralla

Diretora da Divisão Administrativa
Branca Lopez Ruiz

THEATRO MVNICIPAL DE SÃO PAULO

Coordenadora Geral das Atividades Cerimoniais
Maria Rosa Tarantini Sabatelli

Coordenadoria dos Corpos Estáveis
Miriam Mazzei

Núcleo de Programação
Vicente Amato Filho
Clodoaldo Medina Jr.

Administração da OSM
Arlete Marques

Inspetor
Aroldo de Brito

Administração do Coral Lírico e Paulistano
Celene Melo

Inspetores
Vera Lucia Felippe
Dilson C. da Silva

Arquivo Artístico
Nilcéia Baroncelli

Arquivistas
Elizabeth Göttel
Carlos Nunes
Silvia Pinedo
Neide Comenda
Waldemar Fransceschini
Osvaldo Mori

Copista
Israel B. de Almeida

Concertos do Meio-Dia e Vesperais Líricas
Regina Elena Mesquita

Coordenadoria Administrativa
Sandra Regina Vieira

Engenheiro
Sérgio Martins

Arquiteto
Denise de Alcantara

Manutenção
Joaquim Nunes

Agente Arrecadadora Encarregada
Elizabeth De Pieri

Coordenadoria de Cenotécnica
Cleusa Fernandez

Auxiliares Administrativas
Nancy Pires
Laise Figueiredo

Cenotécnia
Aníbal Marques *(chefia)*

Maquinaria
Sidney Fonseca *(chefia)*

Técnicos de Palco
Antonio Claudino
Carlos Ávila
Edson Astolfi
Jaime Minitti
Wagner Cardoso
Jesus Armando
José Mendonça
José Carlos Santos
Jorge Santos
Manoel dos Santos
José Muniz

Iluminação
Carlos Cafali *(chefia)*

Técnicos de Iluminação
Alfredo Barreto
Ivo Filho
Ivo Neto
Luciano Paes
Luiz Adail
José Souza
Pedro Souza
José Raul

Operadores de Mesa Iluminação
José Raul
Anselmo Plaza

Sonoplastia
José Carlos Ribeiro

Guarda-roupa
Michi Maeda *(chefia)*

Costureiras
Malvina Gabriel
Maria Ana Santos
Maria Marconato
Maria Julieta
Maria Perini
Olga Nigro
Suely Santos
Thomázia Donádio

Contra-regra
Pedro Pinotti *(chefia)*

Contra-regragem
Marcelo Bessa
Márcio Marciano
Luiz Leão
Carlos Bessa
Janaina Magalhães

Montadores
Aparecido Gabriel
César Alves
Ivo Barreto
Rubens Faria

Seção de Redação Artística e Programação Visual
Fátima Gilberti
Maria Helena dos Santos

Prefeitura do Município de São Paulo
Prefeito Celso Pitta

Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Rodolfo Konder

BankBoston Brasil
Corporate Communications Division
Soraya Ibner

Prefeitura de São Paulo

SECRETARIA MUNICIPAL